

O USO DE MANCHETES E CHAMADAS DE JORNAIS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Amanda Gabriele Domingos de Souza (CP II)

ag_domingos@hotmail.com

Aira Suzana Ribeiro Martins (CP II)

airasuzana.ribeirmartins@gmail.com

RESUMO

De acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o objetivo do ensino de língua inglesa nas escolas, sejam elas públicas sejam privadas, vai além de lecionar tópicos gramaticais ou capacitar alunos para fazerem traduções de frases descontextualizadas; as aulas da língua estrangeiras devem funcionar como um meio de desenvolver competências e habilidades que viabilizem a interação dos discentes com a variedade de recursos visuais, auditivos e sociais que os cercam. Sendo assim, a oralidade, a leitura, a escrita e a gramática devem ser estrategicamente desenvolvidas para se promoverem apropriações culturais e troca de conhecimentos para melhor compreensão e valorização de ambas as culturas e línguas. Mediante o que sugere a BNCC, é plausível afirmar que o uso de manchetes de jornais e revistas pode funcionar como forma de contextualizar o conteúdo obrigatório dos currículos e a realidade social e profissional dos estudantes, atrair sua atenção, a fim de se criar um ambiente de discussão acerca da realidade que os rodeia e desenvolver um ambiente de aprendizagem interdisciplinar, ou seja, a presença de manchetes de jornais e revistas como estratégia de preparação do sujeito para viver situações reais de troca e compartilhamento de saberes. Desse modo, esta pesquisa visa a demonstrar a importância do uso de tais recursos, de acordo com as orientações da BNCC, das ideias de Paulo Freire (1996; 1970), além de obras da professora Acácia Kuenze (2000), reconhecida pelos seus estudos relacionados à educação significativa e de Irlandé Antunes (2014), para quem não existe ensino sem contextualização, entre outros.

Palavras-chave:

Multimodalidade. Aprendizagem significativa. Ensino da língua inglesa.

ABSTRACT

According to Base Nacional Comum Curricular (BNCC), the objective of teaching English in schools, whether public or private, goes beyond teaching grammatical topics or training students to make translations of decontextualized sentences; foreign language classes should work as a means to develop skills and abilities that enable students to interact with the variety of visual, hearing and social resources that surround them. Therefore, orality, reading, writing and grammar should be strategically developed to promote cultural appropriations and exchange of knowledge for a better understanding and appreciation of both cultures and languages. Based on what the BNCC suggests, it is plausible to say that the use of newspaper and magazine headlines can work as a way to contextualize the mandatory content of the curriculum and the social and professional reality of students, attracting their attention, in order to create an environment for discussion about the reality that surrounds them and developing

an interdisciplinary learning environment, in other words, the presence of newspaper and magazine headlines as a strategy for preparing the individual to live real situations of exchange and sharing of knowledge. Thus, this research aims to demonstrate the importance of using such resources, in accordance with the guidelines of the BNCC, the ideas of Paulo Freire (1996; 1970), as well as works by Professor Acácia Kuenze (2000), recognized for her related studies to meaningful education and Irandé Antunes (2014), for whom there is no teaching without contextualization, between *others*.

Keywords:

Multi-modality. Meaningful learning. English language teaching.

1. Introdução

O Brasil, a partir do séc. XX, passa a ser palco de inúmeras reformas educacionais que, de um modo geral, estavam ligadas às políticas públicas fixadas pelos governos. Silva Souza e Silva Rodrigues (2017), em sua obra sobre o modo como o Brasil lida com as reformas educacionais, afirmam que tais mudanças sempre aconteceram de forma emergencial para solucionar questões que estavam causando prejuízos ao poder público. Podemos citar, como exemplo, as diretrizes relacionadas à educação de jovens e adultos associadas ao início da industrialização e à aceleração da urbanização no Brasil, como afirmam Fávoro e Ireland (2007). Por iniciativa do Ministério da Educação e Saúde, em 1947, sob a coordenação de Lourenço Filho, foi lançada a Primeira Campanha Nacional de Adolescentes. O Estado assumiu o controle da educação, na tentativa de reduzir o analfabetismo, entretanto, as estratégias de ensino para os adultos eram as mesmas utilizadas na alfabetização de crianças, o que perdurou por quase 20 anos. Nessa época, Paulo Freire fez duras críticas à inadequação dos métodos utilizados, mostrando que não traziam resultados positivos nem conseguiam manter esse público na escola.

A questão continua sendo amplamente discutida nas universidades, nos cursos de formação continuada do ensino regular. Entretanto, cremos que ainda há um longo caminho a ser percorrido tanto na alfabetização e no letramento do português como no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras para um público mais adulto.

Com propostas inovadoras, que visavam a uma educação de qualidade que, efetivamente, provocassem mudanças no indivíduo, com vistas à sua participação cidadã na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, as concepções de Paulo Freire (1996) influenciaram e continuam a influenciar enormemente a educação no Brasil. Na educação de jovens e adultos, que tem um público específico, com características

próprias, as propostas do educador pernambucano começaram a ter visibilidade já na segunda metade do séc. XX. Suas concepções mostram a necessidade da relação dialógica entre professor e aluno e a importância do respeito ao contexto do sujeito educando, a fim de que a educação alcance o seu objetivo de auxiliar o indivíduo a conquistar sua emancipação política e cidadã.

As contribuições do educador nordestino se estendem à educação de um modo geral, pois o princípio da emancipação do indivíduo a partir do conhecimento está no cerne de qualquer trabalho educativo. Embora ele nunca tenha dedicado seus estudos diretamente ao ensino de línguas estrangeiras, seu pensamento é interdisciplinar, até mesmo transdisciplinar, abrangendo a formação do indivíduo como um todo. Cremos, portanto, que as reflexões desse educador possam contribuir para tornar o ensino de línguas estrangeiras, efetivamente, produtivo e significativo para os educandos.

Em se tratando de ensino de língua inglesa, o último censo indicou necessidades de melhorias nas práticas de sala de aula, que são voltadas, principalmente, para a apreensão da gramática. Esse fator, somado à deficiência da formação docente, influencia negativamente a educação integral do indivíduo e gera um ciclo contínuo de baixo rendimento e desestímulo para a aprendizagem da língua inglesa ou qualquer outra língua estrangeira.

A educação, para Paulo Freire, tem o objetivo de tornar os educandos atuantes no seu processo de aprendizado e capazes de aplicar seus saberes em prol de si próprios e de sua comunidade. Essa proposta, como já destacamos, pode ser aplicada a qualquer área da educação, independentemente da disciplina lecionada. Por esse motivo, a partir das colaborações de Paulo Freire (1970; 1996), Acácia Kuenzer (2000), Irlandé Antunes (2014) e Roxane Rojo (2012) entre outros teóricos da prática pedagógica, fazemos uma reflexão sobre a forma como utilizar manchetes e chamadas de jornais nas aulas de línguas estrangeiras, neste texto, especificamente, a língua inglesa, com o objetivo de torná-las mais significativas para os discentes e promover discussões sobre questões que afetam a sociedade.

A respeito do processo de ensino e aprendizagem, Paulo Freire (1996) afirma:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996, p. 12)

Segundo o mestre, para que seja oferecida essa educação transformadora, é necessário que o professor aprimore cada vez mais a sua prática, com vistas a atender às necessidades dos discentes e tornar a formação escolar relevante para a vida dos indivíduos, independentemente dos caminhos profissionais que desejam seguir.

Dessa forma, é necessário romper com as práticas repetitivas e arraigadas que professores acabam realizando mecanicamente devido, muitas vezes, às inúmeras tarefas pedagógicas e pedagógico-administrativas que provocam a redução do tempo de preparação de aulas. As inúmeras atribuições somadas aos baixos salários acabam também impedindo que o professor desenvolva materiais inéditos, criativos e atuais, direcionados ao seu alunado. Os livros didáticos oferecem uma proposta de conteúdo, mas, via de regra, pouco estimulantes e pouco atualizados. Em virtude de considerarmos a discussão de temas atuais altamente produtiva para o trabalho em sala de aula, principalmente, o ensino de línguas estrangeiras, propomos o aproveitamento de temas presentes em revistas e jornais. A partir desses enunciados, é possível que estabeleçamos discussões atualizadas em qualquer nível de conhecimento e idioma. Caberá ao professor fazer as adequações, de acordo com o nível de conhecimento linguístico do estudante.

Desse modo, acreditamos que o processo de aprendizagem possa se tornar mais significativo para o aluno. A partir do aproveitamento de fatos atuais para a elaboração das aulas pelo professor, o aluno poderá perceber a funcionalidade da aprendizagem. Os fatos da língua estarão presentes nas discussões e poderão ser abordados por meio dessa estratégia.

A utilização de textos escritos presentes nas práticas sociais no ensino de língua envolve o letramento e o multiletramento, pois, nesse caso, o ensino da língua estrangeira é feito a partir de manchetes de jornais e revistas, isto é, textos escritos que circulam na sociedade, como informa Soares (2020). Esse letramento tem também a presença da multimodalidade, em que variados recursos, como fontes, cores, tamanhos, imagens, diagramação, entre outros, colaboram para o seu sentido (Cf.

ROJO, 2012). Desse modo, o material apresentado para o aluno parte de situações reais, colaborando para uma aprendizagem significativa.

Essa prática vai ao encontro das propostas de Paulo Freire (1996), em cuja vasta obra defendeu que a teoria e a prática são abordagens da educação que devem caminhar juntas, a fim de que o sujeito tenha uma visão mais ampla do seu objeto de estudo. Se relacionarmos este ensinamento ao contexto de ensino de línguas estrangeiras, acreditamos que possamos afirmar que é importante para os discentes a aprendizagem dagramática. Por exemplo, de acordo o conteúdo de ensino de línguas, é necessário que os alunos aprendam estruturas frasais; entretanto, se não conseguem utilizar esse conteúdo na prática, em situações reais, tal conhecimento torna-se dispensável.

Se Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, nas décadas de 50 e 60, já defendia um movimento de educação baseado na necessidade de os alunos vivenciarem situações reais na aprendizagem, nos dias atuais, como professores, não podemos proceder de forma diferente. É necessário que o professor, nas situações de sala de aula, procure trabalhar com os usos da língua nativa ou da língua estrangeira.

Na obra “Ensino Médio – construindo uma proposta para os que vivem do trabalho” (2000), Acacia Kuenzer defende a importância do ensino contextualizado. Em seu texto, a educadora reconhece que os materiais didáticos disponíveis aos alunos do Ensino Médio não refletem sua vida social e produtiva, portanto, o ensino feito de forma isolada, distante da realidade, passa a ter pouca relevância para o aluno, prejudicando a sua relação com o conhecimento. O ensino fora do contexto remete à famosa expressão criada por Freire (1970) “educação bancária”, em que o indivíduo recebe o conhecimento para o dever.

No presente, as informações são arquivadas e sua utilização poderá ser feita, talvez, no futuro. Kuenzer (2000), em sua obra, reflete sobre a forma como contextualizar o tópico de estudo, pois uma visão limitada e equivocada da palavra contextualização pode levar o educador a disseminar ideais utilitaristas da educação que reforçam o discurso excludente. Sendo assim, ao contextualizar um assunto, o professor, primeiramente, deve ter definida a abordagem, isto é, ele deve planejar suas aulas de forma que as situações eleitas estejam relacionadas a pessoas concretas, que vivenciam as situações abordadas.

De acordo com Antunes (2014), aquilo que se explora, de forma sistematizada em relação à linguagem, língua, gramática, leitura, escrita

literatura e ao texto tem importância fundamental para que as pessoas possam responder, de forma competente, às várias demandas político-sociais, principalmente, as que têm como pressupostos o domínio de capacidades comunicativas orais e escritas. O mesmo se pode dizer do ensino de uma língua estrangeira. O objetivo do conhecimento de uma segunda língua é tornar o indivíduo capaz de se comunicar, de forma razoável em diferentes ambientes, nas modalidades falada e escrita, nesse mundo cada vez mais globalizado, em que o conhecimento de uma língua estrangeira é mais um meio de que o indivíduo pode lançar mão para ter êxito nos desafios presentes nas situações do dia a dia.

Nesse sentido, entendemos que uma forma de ensinar em uma perspectiva contextualizada possa ser levar para a sala de aula manchetes e chamadas de jornais que reflitam o contexto social dos discentes, com o objetivo de fazer com que se vejam nas diversas situações apresentadas, se reconheçam e exponham suas opiniões em língua estrangeira de acordo com seu nível de conhecimento da língua. Creemos que, dessa forma, os alunos percebam uma finalidade para a aprendizagem de uma língua estrangeira, vislumbrando a possibilidade de agregarem fatos e acontecimentos de outras culturas ao seu conhecimento, de forma a responder às diferentes demandas político-sociais, na visão de Antunes (2014). Esse conhecimento é também mais um instrumento para o indivíduo alcançar a liberdade de buscar o conhecimento de forma independente, ou mesmo, ler um texto pelo prazer estético.

2. O ensino de línguas estrangeiras

Acreditamos que um dos grandes receios dos docentes de línguas estrangeiras seja a comunicação em língua materna entre os discentes nos momentos da aula. Essa é uma preocupação compreensível, afinal, existe uma cobrança por parte das coordenações das escolas de idiomas para que isso não aconteça. Vale considerar, porém, até que ponto devemos evitar essas situações, pois esse sujeito que está em processo de letramento em língua estrangeira é parte de uma sociedade com língua, cultura e valores próprios. É compreensível, desse modo, que o aluno, em determinados momentos, recorra à sua língua de origem.

Uma outra inquietação gira em torno nas metodologias de ensino. Muitas escolas e cursos impõem limites rígidos quanto à forma e ao conteúdo do ensino de línguas. As metodologias dessa modalidade de

ensino mais comuns, atualmente, no Brasil são: o método tradicional, o método direto, o método audiolingual e a abordagem comunicativa.

A base da metodologia tradicional para o ensino da língua estrangeira é a tradução, cujos propósitos são a memorização e a prática da gramática. É importante ressaltar que esse procedimento foi também empregado na leitura de livros. Embora tenha sido uma das primeiras formas de se lecionar uma língua estrangeira, esse método ainda é muito comum atualmente.

O método direto, que surgiu logo em seguida, guarda algumas semelhanças com a metodologia tradicional; a diferença entre eles diz respeito ao uso da língua estrangeira em sala de aula, ou seja, o aluno não só lê e escreve. Ele também passa a falar a língua estrangeira, entretanto, nesse modelo de ensino, o aluno não tem oportunidade de manter uma conversa motivada pelo momento histórico ou por uma inquietação própria, pois a conversa é controlada pelo professor. Desse modo, a produção oral parte de um texto, em geral, artificial, a partir do qual são feitas as perguntas ou sugestões de situações que devem ser desenvolvidas oralmente.

Há também o método audiolingual, que teve popularidade por muitos anos. Esse método enfatizava bastante a oralidade, a leitura de diálogos situacionais e a repetição de frases, com o objetivo de reforçar o uso de estruturas e promover a memorização do vocabulário. Essa metodologia, contudo, não admitia erros, fossem de gramática, fossem de pronúncia.

Por fim, temos a abordagem comunicativa, em que os alunos não precisam mais ter a preocupação de falar como nativos; é importante o desenvolvimento da habilidade de se comunicarem de forma eficiente. Esse método, por ocasião de seu surgimento, parecia perfeito, mas um olhar mais atento mostra que escolas estavam se adequando para atender às demandas do mercado, ao invés de oferecer ao aluno meios de utilizar esse aprendizado em prol de si próprio e de sua comunidade.

Segundo Acacia Kuenzer (2000),

A pedagogia, tanto escolar quanto do trabalho, em decorrência, propôs conteúdos que, fragmentados, organizavam-se em sequências rígidas, tendo por meta a uniformidade de respostas para procedimentos práticos e exercendo rigorosamente o controle externo sobre o aluno. Essa pedagogia respondeu adequadamente às demandas do mundo do trabalho e da vida social organizados segundo o paradigma taylorista-fordista, que se rege pelos mesmos parâmetros das certezas e dos comportamentos que fo-

ram definidos ao longo do tempo como aceitáveis. (KUENZER, 2000, p. 31)

Como observamos, modelos de ensino de línguas, completamente artificiais, que ainda são utilizados, não trazem autonomia para o aluno. Assim, era muito difícil, e ainda é, que o estudante tenha um conhecimento, mesmo básico, que lhe ofereça condições de se comunicar, de forma razoável, nas situações cotidianas.

3. *Ensino de uma língua estrangeira e materiais utilizados*

Ao tratar da reformulação do Ensino Médio, Kuenzer (2000) enumerou, inicialmente, algumas desvantagens experimentadas por aqueles sem conhecimento de uma língua estrangeira. Dentre elas, a pesquisadora citou as limitações profissionais oriundas das desvantagens competitivas internacionais no campo da ciência, tecnologia e cultura, como a impossibilidade de o indivíduo ter participação ativa na área do turismo, por exemplo, além dos prejuízos no campo acadêmico, devido à incapacidade de fazer leitura de textos em língua estrangeira. Há, também, a impossibilidade de o indivíduo refinar suas habilidades na própria língua materna por intermédio do contraste estrutural entre a língua materna e a língua estrangeira.

Nossa sociedade exige que o indivíduo assuma a responsabilidade por sua vida e pelo bem comum. Ele se vê exposto a escolhas que interferem tanto na esfera social quanto no contexto político amplo. É seu direito e seu dever exercer a cidadania. Por essa razão, devem os articuladores do currículo escolar ponderar se seu trabalho fomenta a construção da maioria do cidadão em seu mais largo sentido. Independência e autodeterminação implicam a capacidade de julgamento crítico em qualquer esfera, criação e defesa de opiniões próprias. Nesse sentido, podemos pensar em língua estrangeira em nossos currículos como um momento propiciador do desenvolvimento da vocação maior do indivíduo (KUENZER, 2000).

Para a mesma autora, Kuenzer (2000), o currículo do ensino de língua estrangeira deve ultrapassar o ideal de adestrar o estudante para a reprodução de frases e estruturas gramaticais pré-determinadas pelo material didático. O ensino de língua estrangeira deve ter o objetivo de estimular o estudante a expressar sua opinião acerca dos acontecimentos que influenciam sua realidade social e profissional, além de expandir seu olhar quanto à valorização e ao reconhecimento da própria língua e

cultura. O ensino de língua estrangeira deve, também, ter a intenção de colaborar para a quebra de preconceitos de qualquer ordem.

A fim de exemplificarmos o que estamos defendendo até então, faremos o relato, a seguir, de uma experiência de aula de inglês de nível básico que teve, como tema gerador, uma manchete de jornal.

O objetivo primário da aula foi o trabalho de leitura de interpretação, além do reconhecimento do vocabulário e do aperfeiçoamento da pronúncia. Também, a aula teve a função de levar os alunos ao desenvolvimento da oralidade com base na realidade em que estávamos todos inseridos.

É importante destacar que esse procedimento vai ao encontro das orientações oficiais, pois, segundo a proposta da BNCC (BRASIL, 2017) o aprendizado do inglês deve ser realizado da mesma forma do português, isto é, a língua inglesa deve ser aprendida por meio das práticas linguísticas cotidianas, discursivas e da reflexão sobre elas. A aula de língua inglesa ou de qualquer outra língua é um meio de troca de conhecimentos e apropriação de cultura e saberes, mesmo que em outro território, ou seja, a aprendizagem de outro idioma deve permitir que o aluno seja um cidadão do mundo e use a língua para interação com o meio em que esteja inserido.

A referida aula foi ministrada no período inicial da pandemia, ou seja, uma aula remota com material em *Power Point* compartilhado na tela com os alunos. Na turma, havia dez alunos, moradores de lugares distintos do Rio de Janeiro, porém, todos impactados, de alguma maneira, com a realidade do país e do mundo. Os alunos eram de variadas idades, de modo que havia na turma jovens de 15 anos e adultos já inseridos no mundo do trabalho.

Após breve introdução com algumas perguntas sobre as últimas notícias sobre a pandemia, compartilhamos a tela com os alunos. Com o objetivo de tranquilizá-los, mostramos as telas 1 e 2. Pedimos que observassem as duas manchetes e tentassem encontrar palavras cognatas e, em seguida, procuramos entender a informação que estava sendo transmitida (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Manchetes de jornais.



Fonte: Brasil de Fato e Rio Times, 2021.

Figura 2. Manchetes de jornais.



Fonte: Rio Times e Brasil de Fato, 2021.

A tela que veio a seguir (Figura 3) trouxe perturbação, pois senti-ram certa dificuldade atender à solicitação. Foi importante para que pes-quisassem as respostas que não sabiam de imediato. A procura por in-formações sem ajuda do professor é um momento importante da aprendi-zagem, pois é uma forma de se buscar a autonomia.

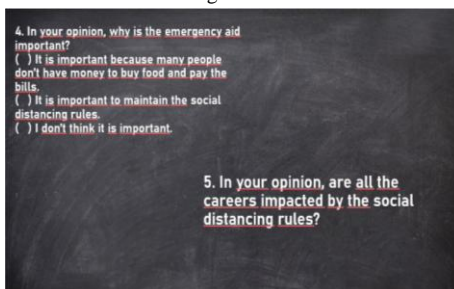
Figura 3. Manchetes de jornais.



Fonte: Rio Times e Brasil de Fato, 2021.

Por fim, chegamos à parte que causou mais desconforto e insegurança, principalmente, aos alunos do nível básico (Figura 4). Pedimos que expressassem sua opinião, mas deixamos claro que não esperávamos respostas longas e complexas; queríamos que, de forma simples, comunicassem suas impressões e sentimentos. Como resultado, todos realizaram a tarefa, alguns com mais e outros com menos receio.

Figura 4.



Fonte: Amanda G. Domingos.

A aula não se encerrou e também não iniciou com este material. Tivemos o objetivo de interligar dois momentos da aula, o trabalho com a língua e a prática da oralidade com a expressão do ponto de vista de cada um em relação a uma situação real.

Creemos que essa atividade tenha contribuído, em muitos aspectos, para o desenvolvimento dos alunos. Como o desenvolvimento da aula partiu de uma situação real, eles se sentiram motivados a expressar seu ponto de vista em relação às manchetes apresentadas. Desse modo, a aprendizagem se tornou significativa, pois os alunos sentiram a necessidade de vencer a dificuldade de aprender outro idioma diante da necessidade de expressar sua opinião.

4. Considerações finais

Embora os recursos tecnológicos tenham tido um desenvolvimento espantoso, diminuindo a distância entre nações e culturas, admitimos que o material didático para o ensino de línguas estrangeiras utilizado atualmente seja desmotivador e não apresente bons resultados. Muitos materiais utilizados são relativamente recentes, entretanto, seu conteúdo

ora reflete temas genéricos, ora apresenta temas ultrapassados. Insistimos em ressaltar a importância do material didático destinado ao ensino de línguas estrangeiras com vistas a uma aprendizagem significativa. É imprescindível a elaboração de materiais contextualizados com temas geradores atuais, que despertem o interesse dos discentes.

As manchetes de jornais e revistas oferecem inúmeras possibilidades de trabalho, sendo capazes de envolver os discentes numa esfera de reconhecimento tão necessária para estimular a participação e, consequentemente, a aquisição do conhecimento.

Concordamos que a produção de materiais para o ensino de línguas estrangeiras não seja uma tarefa fácil, tendo em vista a quantidade de turmas de variados níveis, além do risco de as aulas se transformarem em uma conversa em língua materna. Entretanto, com bom-senso e direcionamento, acreditamos que esse modelo de aula relatado possa ser o caminho para o desenvolvimento de falantes mais seguros e com capacidade de interagir na língua estrangeira mesmo em seu território, de forma espontânea e crítica. Afinal, o indivíduo não se torna um falante de língua estrangeira somente ao chegar ao nível avançado; esse é um processo longo e deve ser bem orientado desde os primeiros momentos. Cremos que, com materiais bem-elaborados e atualizados, as aulas de línguas estrangeiras podem se tornar um ambiente de desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos, como orienta a Base Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Como podemos ver, a dimensão da obra de Paulo Freire é tão grandiosa que as ideias nela contidas podem ser aplicadas até mesmo ao ensino de língua estrangeira. O professor conhecedor do pensamento do patrono da educação brasileira e da literatura voltada para a multimodalidade, para o letramento e para o ensino de língua, certamente, vai obter, em sua prática, resultados que ultrapassarão o simples domínio de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada*. São Paulo: Parábola, 2014.

BRASIL. Bases Nacionais Comuns Curriculares. Brasília, 2017.

FÁVARO, Osmar. IRELAND, Timothy Denis. *Educação como Exercício de Diversidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JALIL, Samira Abdel; JALIL, Samira Abdel. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. *Anais do IX Congresso Nacional de Educação*. PUCPR, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2044_2145.pdf. Acesso em 20/9/2021.

KUENZER, Acacia. *Ensino médio – construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: ____; MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. RODRIGUES, Iaponira da Silva. Formação de professores para a educação profissional no Brasil: percurso histórico e desafios contemporâneos. *Rev. HISTEDBR*, Campinas, 2017.

Outras fontes:

Brasil de Fato. <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/26/reduction-of-the-emergency-aid-leads-61-1-million-people-back-to-poverty-in-brazil>. Acesso em 26/4/2021.

Pesquisa faz mapeamento inédito do ensino de inglês no Brasil, que passa a ser obrigatório em 2020. *Jornal do Comércio de Ceará*. Fortaleza, janeiro de 2020. Disponível em: <https://jce.com.br/pesquisa-faz-mapeamento-inedito-do-ensino-de-ingles-no-brasil-que-passa-a-ser-obrigatorio-em-2020/>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

A educação brasileira antes de 1964. Memórias da ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/antes-do-golpe/>. Acesso em 15/9/2021.

Rio Times.<https://riotimesonline.com/brazil-news/rio-politics/brazilian-government-announces-extension-of-pandemic-emergency-aid-for-another-three-months/>? Acesso em 5 /7/2021.